

Livro de Resumos
XVII Jornada Acadêmica de Saúde Mental



2020

Belo Horizonte, 10 e 11 de novembro

LIVRO DE RESUMOS DA XVII JORNADA ACADÊMICA DE SAÚDE MENTAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

COORDENAÇÃO DOCENTE

Tatiana Tscherbakowski de Guimarães Mourão Valentim Lourenço
Cíntia Satiko Fuzikawa
Rodrigo Nicolato
Izabela Guimarães Barbosa
Marcela Sena Braga

COORDENAÇÃO DISCENTE

Organização Geral

Bruna Campos Souza

Apresentação da Jornada

Rafael Felipe Silva Rodrigues

Comissão Científica

Giulia Campos Ferreira
José Henrique de Oliveira e Oliveira
Kamila Ketlen Rodrigues de Oliveira
Larissa Batista Xavier
Luís Felipe Rezende de Almeida
Yuri Ferreira de Morais

Comissão de Divulgação em Redes Sociais

Larissa Yano Souza Martins

Comissão de Infraestrutura

Avelar Oliveira Macedo Neto
Matheus Gonçalves Flores

Comissão de Relações Externas

Helena Raquel Ferreira de Sousa Lima

Suporte Técnico e Mídias Sociais

Fernando Crespo Torres
Luiza Passini Vaz-Tostes
Nicole Font dos Santos

L8921 Lourenço, Tatiana Tscherbakowski de Guimarães Mourão Valentim.
Livro de resumos [recursos eletrônicos]: XVII Jornada Acadêmica de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. / (Coordenado por) Tatiana Tscherbakowski de Guimarães Mourão Valentim Lourenço; Cíntia Satiko Fuzikawa. – 1ª edição – Belo Horizonte: UFMG; Faculdade de Medicina da UFMG, 2020.
45p.

Formato: PDF

Requisitos do Sistema: Adobe Digital Editions.

ISBN: 9786500121445

1. Saúde Mental. 2. Esquizofrenia. 3. Depressão. 4. Pandemias. 5. Infecções por Coronavirus. I. Fuzikawa, Cíntia Satiko. II. Título.

NLM: WA 305

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO EVENTO	5
APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS	6
DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO NA ÁREA DE SAÚDE MENTAL	8
TRABALHOS APRESENTADOS NA XVII JORNADA ACADÊMICA DE SAÚDE MENTAL - MODALIDADE PÔSTER	11
PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS: UM RECURSO A SER EXPLORADO NA SAÚDE MENTAL.....	12
A CORRELAÇÃO ENTRE USO DE CANNABIS E O DESENVOLVIMENTO DA ESQUIZOFRENIA.....	13
INFLUÊNCIA DO CONSUMO DE CANNABIS NO DESENVOLVIMENTO DE ESQUIZOFRENIA.....	14
TRATAMENTO PSICOFARMACOLÓGICO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA.....	15
OS TABUS SOCIAIS ENFRENTADOS PELO PORTADOR DE ESQUIZOFRENIA ...	16
A SÍNDROME DE BURNOUT EM GRADUANDOS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA	17
PSICONEUROENDOCRINOLOGIA DOS DISTÚRBIOS DEPRESSIVOS E DO HIPOTIREOIDISMO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	18
IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DE IDOSOS PELA COVID-19	19
FATORES DE RISCO RELACIONADOS À DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA REVISÃO DA LITERATURA.....	20
A PANDEMIA DE COVID-19 CONSTITUI-SE COMO FATOR DE RISCO PARA TRANSTORNOS MENTAIS EM MULHERES DURANTE O PERÍODO PERINATAL?	21
COMPROMETIMENTO FETAL SECUNDÁRIO A DEPRESSÃO MATERNA: UMA ABORDAGEM EPIGENÉTICA	22

DIFICULDADES NA ABORDAGEM DA DEPRESSÃO E SUICÍDIO PELO MÉDICO RECÉM-FORMADO.....	23
ESQUIZOFRENIA E TERAPIA DE REMEDIAÇÃO COGNITIVA.....	24
SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA PANDEMIA DA COVID-19.....	25
GRUPO DE FAMILIARES DO AMBULATÓRIO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS DO HU/UFJF	26
O ADVENTO DO AYAHUASCA NO TRATAMENTO DE TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS.....	27
AVALIAÇÃO DO RISCO DE SUICÍDIO NA POPULAÇÃO GERIÁTRICA	28
TRANSTORNO BIPOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA RELAÇÃO CRIATIVIDADE E PSICOPATOLOGIA.....	29
NEUROCOGNIÇÃO DA ESQUIZOFRENIA	30
A RELAÇÃO DE AJUDA MÚTUA ENTRE OS INTEGRANTES DE UM GRUPO NO FACEBOOK QUE TRATAM DA TEMÁTICA ESQUIZOFRENIA.....	31
SAÚDE MENTAL E COVID-19: IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA.....	32
O TRANSTORNO DE ACUMULAÇÃO EM IDOSOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....	33
A SUPLEMENTAÇÃO DE ÁCIDO GRAXO ÔMEGA-3 PARA EVITAR O DESENVOLVIMENTO DE DEPRESSÃO EM PACIENTES EM QUADRO DE INFLAMAÇÃO SISTÊMICA.....	34
OS IMPACTOS DA NÃO UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS POR USUÁRIOS DA REDE DE SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA	35
PANORAMA DAS CONSEQUÊNCIAS DO USO DE CANNABIS EM ADOLESCENTES NO BRASIL E RISCOS ASSOCIADOS	36
O EFEITO PSICOTERÁPICO NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A HUMANIZAÇÃO DAS SALAS DE ESPERA.....	37

UTILIZAÇÃO DO ULTRA HIGH RISK (UHR) PARA IDENTIFICAÇÃO DE JOVENS COM ALTO RISCO DE DESENVOLVER UM PRIMEIRO EPISÓDIO PSICÓTICO.....	38
PREDOMÍNIO DE MULHERES NA BUSCA POR TELEATENDIMENTO EM SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA PELO NOVO CORONAVÍRUS	39
CUIDADOS PALIATIVOS NA PANDEMIA DE COVID-19: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PELA PSICOLOGIA	40
FATORES DE RISCO ASSOCIADOS À SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA	41
TRABALHOS APRESENTADOS NA XVII JORNADA ACADÊMICA DE SAÚDE - MODALIDADE TEMA ORIENTADO	42
FATORES ASSOCIADOS À DEPRESSÃO EM IDOSOS	43
COGNIÇÃO SOCIAL NA ESQUIZOFRENIA	44



APRESENTAÇÃO DO EVENTO

A JASME nasceu há 17 anos, num mundo totalmente diferente do que qualquer um de nós imaginávamos ser o futuro que agora se tornou nosso presente.

Um grupo de alunos muito interessado em Saúde Mental, hoje todos psiquiatras respeitados, procurou-me para ser coordenadora de uma Jornada de Saúde Mental.

O nome JASME, que lembra Jasmim, nasceu com viço devido ao sonho de alunos da Faculdade de Medicina da UFMG. Em três anos, os alunos da Faculdade de Ciências Médicas passaram a sonhar esse sonho. Atualmente esse projeto de extensão é feito por alunos de várias faculdades de Medicina de Belo Horizonte. E o sonho continuou: nosso país, nosso mundo mudando em ritmo acelerado, novos alunos com o mesmo sonho carregando a missão de realizar esse encontro de pessoas, alunos e profissionais interessados em Saúde Mental e desejando um mundo melhor, em que o sofrimento mental seja diminuído, acompanhar os progressos, impensáveis na primeira JASME, da psiquiatria e da Saúde Mental.

A JASME viveu tantos anos porque os alunos e professores souberam lidar com a diferença e com o conflito. Nessa área, psiquiatria e saúde mental, sempre tivemos que refletir, conviver com o “Outro” tão semelhante e tão estranho ao mesmo tempo. Crescemos com e do conflito, e cá estamos nós novamente: este ano, virtualmente, sem os lanches tão bem-vindos nos intervalos, sem o calor de estarmos todos nos vários salões de conferências.

O fio condutor da Jornada, seu Espírito principal sobreviveu à COVID: esse fio é o espírito de curiosidade científica e conhecer sobre a vida humana, a vontade de enfrentar desafios num deserto assustador que pode nos cercar.

A JASME é um oásis nesse deserto atual! Nesse ano, teremos seis palestras, produção oral e pôsteres. Sejam bem-vindos a uma das Jornadas mais antigas da Faculdade de Medicina da UFMG, Faculdade de Ciências Médicas e outras Faculdades de Medicina que agora nos engrandecem com a troca de experiências e crescimento.

O que é bom sente-se no ar... Jasmim cheiroso... JASME novamente no ar...

Tatiana Tscherbakowski de Guimarães Mourão Valentim Lourenço

XVII
JASME

LIVRO DE RESUMOS 2020
ISBN: 978-65-00-12144-5



APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

A XVII Jornada Acadêmica de Saúde mental é um evento que busca aproximar os estudantes de cursos variados do campo de estudo da Saúde Mental. Além de aulas ministradas na forma de palestras, os acadêmicos são convidados a produzirem trabalhos para serem apresentados aos demais participantes, ampliando o leque de assuntos abordados.

Além de proporcionar aos estudantes interessados maior contato com temas específicos da área, a produção de resumos para apresentação é uma ferramenta para aprimoramento das técnicas de escrita e produção de conteúdo. Elaborar os trabalhos amplia os conhecimentos dos alunos sobre escrita científica e os aproxima do meio acadêmico científico. Ademais, o contato com professores e pesquisadores da área, que orientam os participantes durante o processo, cria canais de comunicação e abre novas oportunidades para os estudantes.

Para esta edição do evento, os trabalhos foram selecionados pela Comissão Científica da Jornada, que verificou um alto nível nas submissões. Aqueles mais originais, relevantes e bem produzidos foram aprovados e compõem esse livro, mostrando à comunidade a qualidade dos estudantes e do conteúdo apresentado na XVII JASME. Os assuntos discutidos nos próximos capítulos, desenvolvidos por estudantes de cursos da área da saúde, abrangem a saúde mental por variados ângulos e sob diversas abordagens.

Escolher alguns trabalhos significa, necessariamente, prescindir de outros. Cientes do desafio de estabelecer uma coletânea que tivesse o padrão de qualidade e a feição da UFMG sem nos obnubilarmos pela subjetividade, estabelecemos critérios objetivos e submetemos cada resumo à apreciação independente de pelo menos três integrantes da junta científica para apreciação. Por fim, aferimos que não houve divergência de rigor entre os subgrupos e selecionamos os trinta melhores, ou seja, os mais inovadores, bem escritos, objetivos e bem fundamentados. Procuramos, diante dos diversos recortes da pandemia da COVID-19, incluir aqueles que, em vez de vagos e tão abrangentes, descreviam impactos tangíveis, mensuráveis e inusitados, isto é, relacionados a grupos que não têm sido abordados pela grande mídia e tampouco pelo profissional de saúde médio. Assim, cremos que os resumos a seguir são os que



mais bem abordam tanto questões atemporais em saúde mental quanto aquelas que emergiram nos últimos meses e ainda não sabemos por quanto tempo perdurarão.

Os trabalhos tratam desde questões relacionadas aos fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos aos aspectos do tratamento farmacológico. Com uma perspectiva atual e relevante para as condições de saúde vigente, as temáticas se relacionam com diversas áreas da saúde mental, como as consequências da pandemia da SARS-COV2, aspectos da saúde mental em jovens e idosos, condutas da saúde mental na saúde primária, psicofarmacologia, transtornos psiquiátricos.

A comissão organizadora agradece e parabeniza todos os participantes e contribuintes que fizeram parte deste grande evento. Que esta publicação seja um convite para demais estudantes em eventos futuros.

Kamila Ketlen Rodrigues de Oliveira

Larissa Batista Xavier

Yuri Ferreira de Morais

Luís Felipe Rezende de Almeida



DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO NA ÁREA DE SAÚDE MENTAL

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil é o país com maior incidência de transtornos ansiosos no mundo e o quinto colocado em prevalência de depressão.¹ A recente pandemia de pelo SARS-CoV-19 representou mais um agravante no panorama da saúde mental; distúrbios como o transtorno de ansiedade e o transtorno depressivo, cujas prevalências já estavam em ascensão, podem vir a acometer parcelas cada vez maiores da sociedade. Apesar dos avanços no cuidado em saúde mental no cenário brasileiro nas últimas décadas, ainda são muitos os desafios da área. Coloca-se a necessidade de ampliação do acesso, a melhoria na qualidade da assistência, o estímulo à pesquisa e a ampliação da educação preventiva como os principais. Destaca-se, também, que a produção em psiquiatria e saúde mental corresponde a 2% da produção científica brasileira, enquanto que o índice esperado seria de 6%.²

Na área de Saúde Mental, a produção científica baseia-se em um ciclo de pesquisa que compreende: a identificação do problema, caracterizando sua epidemiologia; a investigação de fatores de proteção e de risco, possibilitando a busca por uma terapêutica ideal; o desenvolvimento de programas preventivo; a avaliação da eficácia dos resultados gerados; a efetividade, analisando a manutenção de benefícios da intervenção implementada; e a difusão de intervenções com evidências eficazes e efetivas. Essas etapas são realizadas por meio de estudos observacionais (transversais ou coortes), ensaios clínicos e revisões sistemáticas e dependem de uma política estatal com investimentos financeiros. O investimento em desenvolvimento científico em saúde mental contribui para sanar as carências no campo das políticas públicas em saúde no Brasil, que carece de profissionais capacitados para atuar na prevenção e promoção de saúde na comunidade.³

Os diversos diálogos em saúde mental são recorrentes no meio acadêmico, em especial no curso de medicina, e merecem destaque uma vez que, desde o início do preparo médico para exercer a profissão, o indivíduo é sobrecarregado com informações e enfrenta dificuldades para lidar com as demandas, muito disso sustentado por uma fábula construída socialmente que prega comportamentos sobre-humanos como próprios da profissão médica.⁴ Dessa forma, estimular o desenvolvimento científico em saúde mental partindo dessa população específica também é



importante, pois, médicos e estudantes de medicina são população de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais relacionados ao estresse, como burnout, e para o suicídio.^{4,5,6,7}

O Movimento de Saúde Mental Global busca congregiar esforços internacionais em prol de fortalecer a saúde mental como um todo, bem como as iniciativas de pesquisa e de elaboração de práticas de cuidado na área. Estudos têm evidenciado cada vez mais que os déficits na oferta de serviços de saúde mental estão intimamente relacionados à escassez de produção científica que oriente estes serviços, principalmente aqueles voltados a populações que vivem em regiões de baixa e média renda como o Brasil.⁸ Essa realidade favorece a perpetuação das desigualdades e explica por que as pesquisas brasileiras em saúde mental, embora auxiliem na compreensão da reforma assistencial, não têm ainda diversidade e abrangência suficientes para construir indicadores de saúde, ressaltar acertos e corrigir deficiências do sistema.^{9,10} Apesar dos esforços para a geração de conhecimento, a participação brasileira ainda é muito limitada no debate internacional.¹⁰ Isso pode ser exemplificado de maneira muito objetiva quando vemos, por exemplo, o avanços de drogas e opções terapêuticas em outras áreas médicas, como a cardiologia. Novos fármacos são inseridos no mercado, porém são de classes e mecanismos já conhecidos e as novidades em torno da terapêutica psiquiátrica se vê ainda com pouco investimento, em tendo vista outros campos. O Sistema Único de Saúde (SUS), mesmo sendo referência mundial pelo atendimento universal e gratuito numa população tão grande quanto a brasileira, ainda tem poucos fármacos antidepressivos, por exemplo, em sua lista de medicamentos disponíveis.

Há também um desafio em se nivelar as políticas de saúde pública brasileiras com as aplicadas no resto do mundo. Embora seja considerado uma região de baixa e média renda, o território brasileiro dispõe de um Sistema de Saúde Pública Universal, o SUS. Dessa forma, não se justifica a abordagem, no Brasil, das medidas indicadas para regiões como países africanos e asiáticos subdesenvolvidos. Eventos como a Reforma Sanitária, Reforma Psiquiátrica e movimento antimanicomial fizeram do SUS uma plataforma unicamente estruturada na Rede de Atenção Psicossocial. Exige-se, dessa forma, uma certa criatividade na elaboração, aplicação e aprimoramento de políticas e práticas de cuidado, em saúde mental, no Brasil.¹¹



Embora os transtornos mentais sejam responsáveis por mais de um terço do número total de incapacidades nas Américas, os investimentos atuais estão muito abaixo do necessário para abordar sua carga para a saúde pública, segundo o relatório da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) de 2018¹. Isso se reflete no desenvolvimento científico de projetos relacionados à Saúde Mental no país, que assume uma posição coadjuvante enquanto alvo de investimentos. Ademais, o cenário atual do cuidado da saúde mental brasileira enfrenta adversidades, com a adoção de políticas federais que vão de contramão a literatura científica, mudanças na estratégia de cuidado, passando de redução de danos para abstinência dos usuários de substâncias, por exemplo¹².

Avelar Oliveira Macedo Neto
Bruna Campos Souza
Fernando Crespo Torres
Helena Raquel Ferreira de Sousa Lima
Larissa Yano Souza Martins
Luiza Passini Vaz-Tostes
Matheus Gonçalves Flores
Nicole Font dos Santos
Rafael Felipe Silva Rodrigues

1. PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. The burden of mental disorders in the region of the Americas. Washington DC: Pan American Health Organization, 2018.
2. MENEZES, Alice Lopes do Amaral et al. Paralelos entre a produção científica sobre saúde mental no Brasil e no campo da Saúde Mental Global: uma revisão integrativa. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 11, e00158017, 2018.
3. MURTA, Sheila Giardini; ABREU, Samia. A Pesquisa em Prevenção em Saúde Mental no Brasil: A Perspectiva de Especialistas. Psic.: Teor. e Pesq. vol.34 : Brasília, 2018. Epub Nov 29, 2018
4. PEREIRA, L. Suicídio e transtorno depressivo entre médicos e estudantes de medicina: um recorte de gênero. International Journal of Psychiatry. v. 25, n. 10, out. 2020.
5. MOREIRA, Hyan de Alvarenga; SOUZA, Karen Nattana de; YAMAGUCHI, Mirian Ueda. Síndrome de Burnout em médicos: uma revisão sistemática. Rev. bras. saúde ocup., São Paulo, v. 43, e3, 2018.
6. MELEIRO, A.M.A.S. Suicídio entre médicos e estudantes de medicina. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 44, n. 2, p. 135-140, June 1998.
7. ARINO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. Psicol. pesq., Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 44-52, dez. 2018.
8. BECKER A,E, KLEIMMAN A. Mental health and the global agenda. N Engl J Med 2013; 369:66-73
9. DELGADO P,G. Limites para a inovação e pesquisa na reforma psiquiátrica. Physis (Rio J.) 2015; 25:13-8.
10. GREGÓRIO G, TOMLINSON M, GEROLIN J, KIELING C, MOREIRA HC, RAZZOUK D, et al. Setting priorities for mental health research in Brazil. Rev Bras Psiquiatr 2012; 34:434-9.
11. MENEZES, Alice Lopes do Amaral; MULLER, Manuela R.; SOARES, Tatiana Regina de Andrade; FIGUEIREDO, Angela Pereira; CORREIA, Celina Ragoni de Moraes; CORRÊA, Leticia Moraes; ORTEGA, Francisco. Paralelos entre a produção científica sobre saúde mental no Brasil e no campo da Saúde Mental Global: uma revisão integrativa. Cadernos de Saúde Pública, [s. l.], v. 34, ed. 11, 23 nov. 2018.
12. BRASIL. Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019. Dispõe sobre a Política Nacional de Drogas. Lex: Coletânea de Legislação e Jurisprudência, São Paulo, v. 76, p. 3-4,2019.



TRABALHOS APRESENTADOS NA XVII JORNADA ACADÊMICA DE
SAÚDE MENTAL - MODALIDADE PÔSTER

XVII
JASME

LIVRO DE RESUMOS 2020
ISBN: 978-65-00-12144-5



PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS: UM RECURSO A SER EXPLORADO NA SAÚDE MENTAL

*Karolaine Ferreira Cardoso da Cruz
Cáritas Guilherme de Melo
Jussara Lindariane Martins
Orientadora: Carina do Carmo Couto*

Introdução: A Prática baseada em evidências (PBE), é uma ferramenta que vem apresentando notoriedade para melhorar a efetividade dos serviços de saúde, ela visa a utilização dos tratamentos mais seguros e eficazes. Seus pilares são: as melhores evidências científicas disponíveis, a experiência do profissional e os valores do paciente (PACHITO, 2020). No contexto da saúde mental, o movimento da prática baseada em evidências configura-se de suma importância, demonstrando em diversos estudos, melhoras significativas em diversos casos de transtornos mentais (APA, 2006).

Objetivos: Objetivou-se investigar na literatura quais elementos os profissionais da saúde mental utilizam para basear sua prática e as principais dificuldades da implementação da PBE.

Métodos: Tratou-se de uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo e qualitativo. Recorreu-se aos bancos de dados BVS e Google acadêmico.

Discussão: Foi apontado que o principal pilar utilizado pelos profissionais para basear suas práticas é a experiência profissional. A PBE, é comumente encarada como um recurso opcional e polêmico, e muitos dos profissionais da saúde mental, ainda desconhecem a importância de uma atuação fundamentada em dados epistemológicos concretos, preservando um olhar crítico diante das evidências produzidas (CAMPOS; ONOCKOCAMPOS; BARRIO, 2013; FRUEH et al., 2012).

Conclusão: Infere-se a importância da criação de políticas de incentivo à utilização da PBE na saúde mental, e a necessidade de intervenções que capacitem os profissionais a superar as barreiras para uma prática baseadas em evidências.



A CORRELAÇÃO ENTRE USO DE CANNABIS E O DESENVOLVIMENTO DA ESQUIZOFRENIA

Eduardo Marques Rodrigues

Eliza Lommez de Oliveira

Gabriel de Almeida Giardini

Paloma Álister Vilela da Silva

Orientador: Rodrigo Nicolato

Introdução: A esquizofrenia é um transtorno de origem multifatorial marcada por diversas manifestações psicopatológicas de pensamento, percepção, emocional e comportamental. Os sintomas incluem alucinações, delírios, alterações do afeto, compreensão e fluxo de pensamentos, podendo os sintomas serem agravados pelo uso de algumas substâncias. Há relação entre o uso de cannabis e o desenvolvimento da doença, principalmente quando se analisa idade, frequência e quantidade de uso. A prevalência da esquizofrenia se encontra em torno de 1% em diversos países.

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo uma revisão bibliográfica acerca da relação do uso de cannabis e o desenvolvimento da esquizofrenia.

Métodos: Foi realizada uma revisão na Literatura Científica por meio de uma pesquisa bibliográfica na base de dados PubMed/Medline em língua inglesa, utilizando os descritores: maconha e psicose. Foram avaliados 80 artigos e selecionados 5 artigos publicados nos últimos 5 anos.

Discussão: Alterações no sistema endocanabinóide estão associadas a diversos transtornos psiquiátricos, estando a esquizofrenia entre elas. Evidências mostram alterações nas ligações do receptor CB1 em regiões frontais do cérebro, observando-se maior número de ligações à medida que se intensificam os sintomas positivos da doença e menor proporção no que se intensificam os sintomas negativos. Estudos mostram uma taxa de conversão de 47,4% de psicose induzida por cannabis para quadros de esquizofrenia, estando pessoas dos 16-25 entre o grupo de maior risco.

Conclusão: Observa-se a necessidade de discussão acerca dos riscos desencadeados, pela cannabis, em um quadro de esquizofrenia.



INFLUÊNCIA DO CONSUMO DE CANNABIS NO DESENVOLVIMENTO DE ESQUIZOFRENIA

*Guilherme Resende de Souza
Beatriz Barros de Freitas
Pedro Luiz de Carvalho Rigo
Rodrigo Espindula Torres
Orientador: João Vinicius Salgado*

Introdução: Componentes da Cannabis sativa, como o tetrahydrocannabinol (THC), têm sido amplamente estudados para desenvolvimento de novas terapias. Porém, existem possíveis malefícios do uso fora deste contexto, portanto, buscamos debater sobre a possível relação Cannabis-esquizofrenia.

Objetivos: Evidenciar alguns resultados descritos na literatura sobre o tema, pouco abordado no ensino em saúde.

Métodos: Busca nas plataformas “Pubmed”, “Uptodate” e “SciELO” com descritores: “Cannabis”, “THC”, “Esquizofrenia” e “Psicose”. Busca por revisões nas revistas “Science” e “Nature”. Seleção dos artigos, análise e sumarização das conclusões.

Discussão: Observou-se em um dos estudos a influência do sistema endocanabinoide na fisiopatologia da esquizofrenia, avaliando alterações genéticas, de densidade dos receptores e nas concentrações líquórica e sanguínea de endocanabinóides. Ressalta-se que o THC hiperativa o sistema endocanabinoide, o que se relaciona com tais alterações. Alguns artigos relacionaram pré-disposições genéticas para a doença, como polimorfismos do gene CNR1, codificador do receptor canabinoide CB1-R. Nesse sentido, um estudo apontou a associação do abuso de Cannabis com menor idade de manifestação da esquizofrenia nas pessoas com esse polimorfismo genético (Fig.1 e tab.1), enquanto outro estudo demonstra que o uso por esses indivíduos reduziria substância branca cerebral, principalmente na região fronto-temporal, gerando déficits cognitivos e predisposição à esquizofrenia.

Conclusão: Nota-se correlação positiva do abuso de Cannabis com esquizofrenia. Tal relação é mais relevante no caso de uso abusivo na adolescência. Ressaltase que predisposição genética é imprescindível para o desenvolvimento dessa condição. O mecanismo envolve a hiperativação do sistema endocanabinoide, cuja disfunção relaciona-se com aparecimento de esquizofrenia ou de sintomas psicóticos isolados.



TRATAMENTO PSICOFARMACOLÓGICO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA

Paola Fernanda Santos Antunes
Orientadora: Míria Dantas Pereira

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grupo de condições de neurodesenvolvimento que ocasiona alterações na comunicação verbal ou não verbal, além de um comprometimento na interação social e comportamentos estereotipados repetitivos. Os sintomas podem manifestar-se com maior ou menor intensidade. Existem diferentes tipos de autismo, como a Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, Transtorno Autista que é a forma mais clássica e o Transtorno Desintegrativo da Infância. Nesse contexto, os psicofármacos são utilizados como alternativa terapêutica a TEA, embora não sejam de seu uso específico.

Objetivos: Identificar quais os principais psicofármacos utilizados no tratamento do TEA.

Métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura das bases de dados PubMed, SciELO e LILACS. Foram incluídos artigos em português e inglês; e excluídos àqueles que não estavam disponíveis na íntegra e duplicados; sendo selecionados 10 estudos.

Discussão: De acordo com a literatura consultada, pode-se perceber que apesar de não ter cura para TEA, encontra-se uma gama de medicamentos que amenizam seus sintomas. Dentre os principais psicofármacos, destaca-se a classe dos antipsicóticos atípicos e neurolépticos; a risperidona é o fármaco mais utilizado, sendo o padrão para agressão; o haloperidol para diminuir a agressividade e comportamentos autoestimulantes; e a aripirazol para tratamento de mania.

Conclusão: A realização desse estudo, demonstrou que o uso dos psicofármacos pode contribuir na redução dos sintomas comportamentais específicos do TEA. Entretanto, o tratamento do mesmo não deve ser voltado apenas para a farmacologia, e sim o ensino de habilidades que lhes permitam aumentar sua autonomia.



OS TABUS SOCIAIS ENFRENTADOS PELO PORTADOR DE ESQUIZOFRENIA

Alycia Madureira Handeri

Ana Carolina Melo Franco Sleumer Hamacek

Ana Clara Aguiar Pongeluppi

Flávia Bragança Rabelo de Sousa

Introdução: Indivíduos com transtornos mentais ainda fazem parte dos grupos historicamente marginalizados, pois a sociedade sempre estabeleceu padrões a serem adotados como requisito de inclusão no sistema. Assim, eles seguem negligenciados pelas políticas públicas no geral, sendo alvos de preconceitos e considerados incapazes de adotarem atitudes socialmente aceitáveis, sendo, portanto, excluídos do convívio social.

Objetivos: Analisar os tabus ainda enfrentados pelos portadores de esquizofrenia.

Métodos: Foi realizada uma revisão integrativa nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, por meio dos descritores “esquizofrenia” e “saúde mental”.

Discussão: A esquizofrenia é uma das doenças psiquiátricas mais graves, definida como uma síndrome clínica complexa com manifestações psicopatológicas de pensamento, percepção, emoção e comportamento. No Brasil, por ano, há 50 novos casos para cada 100.000 habitantes. A utilização do termo “esquifzofrênico” e “louco”, ambos pejorativos, resume o portador à sua doença, desumanizando-o e comprometendo, assim, a sua saúde mental. Com isso, as suas potencialidades são ignoradas, tornando-se insignificantes, e o processo de abandono ocorre progressivamente: pela família, pelos profissionais da saúde, pela sociedade e, por fim, por ele mesmo. Como o convívio social (ou a falta dele) possui relação com a gravidade desse transtorno, a estigmatização ocasiona a perda da autoestima e dignidade, e o afastamento das relações sociais e de si mesmo.

Conclusão: A falta do conhecimento acerca dessa condição está diretamente relacionada com essa estigmatização sofrida. Desse modo, o portador de esquizofrenia enfrenta duas perdas: da sua cidadania e dos seus direitos, diminuindo, assim, as suas chances de ressocialização e inclusão.



A SÍNDROME DE BURNOUT EM GRADUANDOS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Caique Anizio Santos da Rosa
Orientadora: Mara Dantas Pereira

Introdução: A Síndrome de Burnout (SB) é caracterizada por uma resposta emocional à exposição ao estresse extremo decorrente de situações do cotidiano, surgindo em forma de um processo de exaustão física e mental. Sendo uma reação à tensão emocional crônica consequente ao relacionamento interpessoal em ambientes de convívio profissional.

Objetivos: Identificar na literatura as causas da SB em graduandos de Enfermagem.

Métodos: Estudo teórico descritivo, realizado por meio da busca de artigos capturados nas plataformas LILACS, PubMed, SciELO, publicados nos últimos 5 anos. Foram incluídos artigos em português e inglês, excluídos artigos repetidos e incompleto. Os descritores utilizados foram: “Burnout Syndrome” e “Nursing Student”. Foram descartados 17 artigos e 5 artigos selecionados.

Discussão: Neste estudo, foram identificados o total de 665 graduandos de Enfermagem, dos quais 45,8% (n=305) apresentaram disposição para o desenvolvimento da SB, indicando as seguintes características: alta exaustão emocional, alta despersonalização, baixo rendimento acadêmico e pouca interação social, 14,4% (n=96) dos estudantes teve diagnóstico de SB. Observa-se o predomínio da disposição e diagnóstico confirmado em estudantes do sexo feminino e que estavam cursando os dois últimos semestres da graduação. Vale ressaltar ainda que, os indivíduos que faziam uso de medicamentos apresentaram maior prevalência.

Conclusão: Em face dos dados apresentados, reflete-se sobre o processo de formação e sobre a importância do suporte à saúde mental. Assim, fica evidente a necessidade da implementação de recursos psicológicos, para redução do estresse durante o período da graduação, por meio de práticas que promovam a prevenção da SB nos acadêmicos.



PSICONEUROENDOCRINOLOGIA DOS DISTÚRBIOS DEPRESSIVOS E DO HIPOTIREOIDISMO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Yasmim Mesquita Lacerda

Stella Gontijo Sant'Anna Vaz de Melo Dorneles

Yasmin Brito Santos

Orientador: Jonas Jardim de Paula

Introdução: Segundo a Organização Mundial de Saúde a depressão afeta mais de 4% da população mundial. Embora as causas da depressão não sejam totalmente conhecidas, dada a complexidade e seus mecanismos multifatoriais, os correlatos neurofisiológicos têm apresentado relação com os níveis de hormônios tireoidianos. Pacientes com hipotireoidismo podem ser uma amostra viável para analisar tal associação.

Objetivos: Analisar as alterações hormonais e fisiológicas decorrentes do hipotireoidismo e sua correlação com a depressão.

Métodos: Conduzimos um estudo de revisão integrativa da literatura com uso das bases de dados SCIELO e PUBMED. Foram selecionados artigos em português e inglês, entre os anos de 2001 a 2020.

Discussão: A hipótese monoaminérgica da depressão sugere que essa doença é consequência de uma menor disponibilidade de aminas biogênicas cerebrais, entre elas, a serotonina. Nesse contexto, sabe-se que os hormônios tireoidianos participam do sistema serotoninérgico, uma vez que T3 aumenta a sensibilidade dos receptores 5-hidroxitriptamina pós-sinápticos e potencializa os efeitos da neurotransmissão da serotonina. Quando o indivíduo apresenta hipotireoidismo, ocorre diminuição de T3 e, conseqüentemente, menor transmissão dopaminérgica. Como a via tireoidiana-psíquica é bidirecional, nota-se uma maior produção de cortisol nos quadros depressivos, assim, a enzima deiodinase tipo II, a qual converte T4 em T3, se encontra inibida agravando o quadro do paciente.

Conclusão: Há evidências claras de associação entre o hipotireoidismo e a depressão. Como parte dos mecanismos e sintomas são sobrepostos, ao diagnosticar-se depressão é necessário também considerar possíveis alterações na função tireoidiana.



IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DE IDOSOS PELA COVID-19

Bruno Henrique Lima Santos

Amanda Mansur Rosa

Victor Peçanha Pontine

Helena Raquel Ferreira de Sousa Lima

Orientador: Bernardo de Mattos Viana

Introdução: O mundo enfrenta desde o fim de 2019 a pandemia de COVID-19, sendo evidenciada a população idosa, pelo maior risco de infecção grave e de morte. Todavia, além dos impactos físicos, a pandemia coloca os idosos em situação de grande vulnerabilidade psicossocial.

Objetivos: Identificar os fatores de risco para a saúde mental dos idosos durante a pandemia de COVID-19 e compreender os impactos da pandemia e do isolamento social para essa população.

Métodos: Realizada revisão narrativa de artigos considerados relevantes ao tema de saúde mental da população idosa durante a pandemia de COVID-19, pela busca na plataforma Pubmed utilizando os descritores “covid-19”, “mental health” e “elderly”.

Discussão: Desde o início da pandemia pelo COVID-19, os idosos foram apontados como grupo de risco para piores prognósticos. Também se destaca o forte impacto negativo sobre a saúde mental causado pelo isolamento social. Apesar de possuírem mais experiência e vivência com situações semelhantes, boa parte dos idosos não se sente confortável com mudanças bruscas e não possuem extenso conhecimento tecnológico para adaptação das mudanças necessárias. Agrava a situação a desmarcação de consultas eletivas e a escassez de serviços psiquiátricos destinados a essa população. Portanto, para evitar-se consequências adversas negativas, idosos precisam ser comunicados sobre a atual situação e devem participar da tomada de decisões.

Conclusão: Idosos constituem minoria social, sendo marginalizados mesmo com dados sobre a importância de seu cuidado. Faz-se necessário expandir serviços de telessaúde, principalmente aqueles destinados a saúde mental.



FATORES DE RISCO RELACIONADOS À DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Mariana Silveira Silva
Orientadora: Mara Dantas Pereira

Introdução: Ao nascer a interação do recém-nascido com o mundo é facilitada pela mãe. Sabe-se que a pouca interação com o bebê, gera déficits cognitivos e comportamentais ao longo do desenvolvimento, que pode ser causado por mães deprimidas. Nesse sentido, conforme a Associação Americana de Psiquiatria, a Depressão Pós-parto (DPP) caracteriza-se pela presença de humor deprimido ou perda de interesse e prazer por quase todas as atividades (Episódio Depressivo Maior), que se manifesta duas semanas após o parto.

Objetivos: Identificar os fatores de risco para DPP.

Métodos: Estudo descritivo e teórico, de natureza qualitativa. As bases de dados utilizadas foram LILACS, SciELO e PubMed. Estabeleceram-se os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados entre 2010 a 2018, em português. Foram excluídos artigos incompletos e duplicados. Foram selecionados 18 artigos, dos quais 8 foram excluídos e 10 selecionados.

Discussão: Segundo os estudos selecionados, as alterações hormonais, variações no humor e mudança na rotina podem explicar a tristeza ou dificuldade de lidar com os sentimentos característicos do momento pós-parto. Além disso, quatro fatores de risco descobertos foram associados a uma desenvoltura maior para a DPP, como a baixa autoestima, problemas na situação socioeconômica e conjugal, além de gravidez não planejada ou desejada.

Conclusão: Entende-se que, antes de tratar, é necessário compreender os fatores de risco que foram essenciais para a puérpera desenvolver a DPP, empregando uma coleta de dados detalhada. Unindo-se essas condições predisponentes, junto com uma intervenção precoce, empregando estratégias psicoterapêuticas singulares entre as gestantes, almejando uma redução significativa dos sintomas depressivos.



A PANDEMIA DE COVID-19 CONSTITUI-SE COMO FATOR DE RISCO PARA TRANSTORNOS MENTAIS EM MULHERES DURANTE O PERÍODO PERINATAL?

*Edgard Leandro de Oliveira
Lázaro Geraldo Xisto
Maria Clara Lemos Oliveira
Orientador: Alan Saiter Luna*

Introdução: A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 trouxe inúmeros desafios para a rede de saúde mental, sobretudo em relação às populações vulneráveis, tanto no risco de pior prognóstico para a COVID-19, como no aparecimento e desenvolvimento de transtornos mentais secundários às mudanças sociais observadas neste período. Assim, busca-se analisar os efeitos da pandemia no contexto gestacional.

Objetivos: Descrever a relação da pandemia da COVID-19 com as gestantes, notadamente no que tange ao aparecimento e agravamento de transtornos mentais.

Métodos: Foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed (MEDLINE) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com os seguintes descritores catalogados nas bases Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no Medical Subject Headings (MeSH): “Depression”, “Pregnancy”, “COVID-19”, “2019-nCoV Pandemic” e “SARS-CoV-2”. Incluiu-se artigos, notas técnicas, notícias e literatura cinza disponíveis em meio virtual nas línguas portuguesa e inglesa que contemplassem o objetivo do estudo.

Discussão: Gestantes são mais vulneráveis a determinados transtornos mentais, notadamente depressão e ansiedade. A situação foi potencializada devido a pandemia, que trouxe o medo permanente de infecção, preocupações financeiras, domésticas, distanciamento social e insegurança quanto às consultas pré-natais. Além disso, vários serviços de saúde mental foram cancelados ou adaptados para a via remota, dificultando o acesso ao tratamento adequado.

Conclusão: Os efeitos da pandemia no período gestacional, além de instabilidade quanto aos eventos cotidianos, potencializaram a prevalência de estressores para a ansiedade e depressão, agravando o quadro de saúde mental dessas mulheres.



COMPROMETIMENTO FETAL SECUNDÁRIO A DEPRESSÃO MATERNA: UMA ABORDAGEM EPIGENÉTICA

*Fernanda Sophya Leite Cambraia
Ana Cecília de Sena Oliveira
Marina Aragão Hamdan de Freitas
Vitor Hugo de Jesus Henrique
Orientador: Luiz Carlos Molinari-Gomes*

Introdução: A depressão é uma das principais doenças incapacitantes no mundo e, durante a gestação, pode comprometer o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional do concepto. Muitas dessas alterações parecem ser mediadas por mecanismos epigenéticos que vêm sendo descritos pela Literatura.

Objetivos: Discutir mecanismos já descritos por meio dos quais a depressão materna influencia epigeneticamente a saúde do concepto e seus desdobramentos, com ênfase em seus impactos cognitivos e socioemocionais.

Métodos: Revisão narrativa de literatura realizada a partir da base de dados Pubmed utilizando os descritores "maternal depression AND epigenetics". Após aplicação dos critérios de elegibilidade - artigos de revisão sistemática ou narrativa publicados nos últimos 5 anos - nos 43 artigos encontrados, obteve-se uma amostra final de 9 artigos.

Discussão: A depressão ocasiona mudança no eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA), além do aumento dos níveis séricos de cortisol materno, que por meio de metilação, leva à perda de função de dois genes principais: 11 β HSD2 e NR3C1. O primeiro codifica a enzima que metaboliza o cortisol materno; o segundo, o receptor de corticosteroides na placenta e sua menor expressão resulta em excesso desse esteroide na corrente sanguínea fetal. Esse processo resulta em comprometimento cognitivo, menor produção de serotonina e aumento nos índices de transtornos do desenvolvimento, como autismo e esquizofrenia.

Conclusão: Os impactos epigenéticos da depressão materna no desenvolvimento do concepto corroboram a importância de prevenir e tratar precocemente esse transtorno. A literatura, entretanto, ainda é escassa e requer maiores estudos para melhor compreensão dos mecanismos envolvidos e desenvolvimento de estratégias de intervenção.



DIFICULDADES NA ABORDAGEM DA DEPRESSÃO E SUICÍDIO PELO MÉDICO RECÉM-FORMADO

*Gabriela Pulga
Laura Cristina Chiamulera*

Introdução: De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde, 2018, mundialmente, mais de 300 milhões de pessoas de todas as faixas etárias, sofrem com a depressão, a qual é a principal causa de incapacidade laboral. Seu diagnóstico possui tratamentos conhecidos e eficientes. No entanto, os tabus sociais e as falhas na formação de médicos acabam levando a dificuldades na abordagem e tratamento, o que acaba por aumentar os índices de depressão, que eventualmente levam ao suicídio.

Objetivos: O objetivo deste trabalho é demonstrar as dificuldades de abordagem e detecção das características da depressão, sobretudo vinculadas ao desfecho do suicídio, por parte dos médicos recém-formados.

Métodos: Estudo retrospectivo realizado a partir de pesquisas bibliográficas no Portal de Periódicos CAPES.

Discussão: O diagnóstico de pessoas com depressão é constantemente incorreto, pois há a falta de recursos e de profissionais treinados. Outras pessoas que não possuem o transtorno são seguidamente diagnosticadas de forma errônea, aplicando-se intervenções dispensáveis. Ademais, esse assunto ainda é tratado como tabu, o que acaba compilando na disparidade entre as necessidades do paciente com ideação suicida e a tomada de atitudes pelo médico. Desse modo, os pacientes acabam sem encaminhamento para serviços de apoio a saúde mental, o que gera um importante fator de risco para o suicídio.

Conclusão: Infere-se que a depressão e o suicídio podem ser evitados, entretanto, para isso, é preciso de uma formação que leve o médico recém-formado a promover um olhar interdisciplinar considerando as diferentes bases que o constituem e seus complexos elementos biopsicossociais.



ESQUIZOFRENIA E TERAPIA DE REMEDIAÇÃO COGNITIVA

Luísa Ferreira Vidal

Orientador: João Vinícius Salgado

Introdução: Pesquisas científicas têm apontado prejuízos nas funções cognitivas (atenção, memória, função executiva, cognição social ou metacognição) das pessoas com esquizofrenia. Trata-se dos sintomas cognitivos, que são persistentes, independem dos sintomas positivos e negativos característicos do transtorno e não sofrem influência direta de medicações. A Terapia de Remediação Cognitiva (TRC) propõe novas soluções para o tratamento dos sintomas cognitivos. Esta é intervenção baseada em treinamento comportamental para melhoria dos processos cognitivos de pacientes com esquizofrenia, com vistas à durabilidade e generalização.

Objetivos: Conhecer os fundamentos e as técnicas da TCR, bem como os resultados alcançados por ela no tratamento dos sintomas cognitivos da esquizofrenia.

Métodos: Análise de artigos científicos e capítulos de livros sobre a TCR, a partir de busca em veículos de publicação acadêmica.

Discussão: A TCR abrange uma gama de intervenções comportamentais, desenvolvidas segundo as particularidades de cada paciente, as quais envolvem treinamento prático e/ou aquisição de estratégias para resolução de problemas. As duas principais estratégias da TRC são a exposição do paciente a exercícios de treinamento em frequência regular e a discussão estratégica para o gerenciamento de dificuldades cognitivas e desenvolvimento de métodos para compensar a deficiência experimentada. A TRC tem alcançado efeitos moderados, sendo susceptível de facilitar e potencialmente aumentar o benefício do tratamento medicamentoso.

Conclusão: A TCR é uma intervenção importante para o tratamento dos sintomas cognitivos de pacientes com esquizofrenia e desponta como uma boa ferramenta para a melhoria da qualidade de vida deles.



SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA PANDEMIA DA COVID-19

Bruno da Silva Athanasio

Fernando Crespo Torres

Luís Gustavo Fraga Belotto

Emerson Costa de Oliveira

Orientadora: Ana Cristina Simões e Silva

Introdução: A pandemia do SARS-CoV-2 impôs mudanças drásticas no estilo de vida. Estudos têm-se debruçado sobre a questão da promoção e preservação da saúde mental de crianças e adolescentes.

Objetivos: Descrever os efeitos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes, além de fatores relacionados às psicopatologias nessa população.

Métodos: Foi realizada uma busca não-sistemática na literatura nas bases de dados PubMed, Scopus, SciELO e Google Scholar.

Discussão: Estudos mostram que geralmente quanto mais velha a criança, maior a ocorrência de sintomas. Crianças de 3-6 anos apresentaram maior dependência dos responsáveis e medo de que um parente fosse contaminado, enquanto aquelas com 6-18 anos eram mais propensas à desatenção e inquietude persistente. Estudos analisaram a diferença da prevalência de depressão e ansiedade em meninos e meninas de 6-18 anos e mostraram que as meninas apresentam mais sintomas das duas doenças. A pandemia tem maior impacto na saúde mental de crianças de classes sociais menos favorecidas. Famílias de baixa renda são mais dependentes das escolas para nutrição, suporte psicológico e prática de exercício físico. Além disso, tais famílias foram as que tiveram suas rendas mais afetadas na pandemia. Desemprego e estresse financeiro aumentam as chances de maus-tratos em casa. Um estudo demonstrou que adolescentes oriundos de famílias com dificuldades financeiras têm maior probabilidade de apresentarem sintomas depressivos e menor sentimento de pertencimento.

Conclusão: A pandemia do SARS-CoV-2 afetou negativamente a saúde mental de crianças e adolescentes, tornando necessárias políticas para assistência a essa população.



GRUPO DE FAMILIARES DO AMBULATÓRIO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS DO HU/UFJF

Isabela Valverde Fonseca

Introdução: Segundo a Secretaria Nacional Antidrogas, 6,9 milhões de pessoas entre 12 e 65 anos são dependentes de drogas no Brasil, exceto tabaco (BASTOS, 2017), aproximadamente 30% da população. É importante se atentar aos familiares, pois constituem parte do ambiente de cuidado (SOCCOL et al, 2014). Assim, são fator de proteção ao paciente e, dependendo de como são afetados, podem se tornar um fator de risco à manutenção do uso. Portanto, surge a importância da integração de familiares no tratamento e da divulgação de experiências acerca do assunto.

Objetivos: Oferecer acolhimento aos familiares dos usuários do Ambulatório de Álcool e outras Drogas do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (HU/CAS), Juiz de Fora – MG.

Métodos: Diálogo em grupo através de encontros mensais, de março a outubro de 2019.

Discussão: O protagonismo dos familiares na iniciativa evidencia-se de forma marcante no grupo. Verificou-se que ao investir grande parte de si no tratamento do familiar dependente, seu autocuidado é posposto. O apoio demanda tempo, esforço e gera desgastes entre os envolvidos, assim, os familiares necessitam receber investimentos constantes para manter relações saudáveis e auxiliar no tratamento do usuário do serviço.

Conclusão: A partir do feedback dos participantes, percebeu-se que o grupo se tornou um espaço de acolhimento e apoio, com a escuta de suas angústias e a reflexão sobre sua vivência focando no que a dependência acarreta na vida do paciente e da sua família. Também foi possível perceber uma melhora na qualidade das relações familiares estabelecidas.



O ADVENTO DO AYAHUASCA NO TRATAMENTO DE TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS

Rafael Felipe Silva Rodrigues

Larissa Yano Souza Martins

Filipe Côrtes Fagundes

José Camargo Junior

Orientadora: Amanda Oliveira Lima

Introdução: Pesquisas recentes apontam que os psicodélicos têm potencial de serem utilizados de forma medicinal, tratando distúrbios como ansiedade e depressão. Um estudo revelou que o chá de Ayahuasca, desenvolvido por indígenas da região da Bacia Amazônica, mostrou efeito antidepressivo rápido em pacientes refratários ao tratamento do transtorno depressivo maior.

Objetivos: Investigar a eficácia do uso do Ayahuasca no tratamento de transtornos psiquiátricos, assim como seus mecanismos de ação.

Métodos: Trata-se de uma revisão de literatura realizada nas bases SciElo, PubMed e UpToDate e no site da Associação Americana de Psiquiatria, utilizando-se artigos publicados entre 2018 e 2020, buscados através das palavras-chave Banisteriopsis caapi, Ayahuasca, Transtorno Depressivo.

Discussão: O princípio ativo mais importante é o dimetilriptamina e sua estrutura química é similar a serotonina (5-TH), além disso, há outras moléculas que são inibidoras reversíveis e seletivas da MAO-A. As pesquisas, tanto em grupos controlados quanto em grupos que fazem uso crônico, sugerem que o Ayahuasca possui efeitos antidepressivos e ansiolíticos, sendo que nos grupos estudados também se notou um menor número de indivíduos com Transtornos por Uso de Substâncias.

Conclusão: Os estudos sugerem que os indivíduos em uso de Ayahuasca apresentam menor incidência de sintomas e doenças psiquiátricas, melhores pontuações em teste de memória e atenção e percepção mais positiva da saúde. Entretanto, são necessários mais estudos para elucidar os indícios de eficácia do uso do Ayahuasca no tratamento de transtornos psiquiátricos.



AVALIAÇÃO DO RISCO DE SUICÍDIO NA POPULAÇÃO GERIÁTRICA

Alice Campos Neuenschwander

Bruna Campos Souza

Clara Chagas Barbosa Santos

Orientador: Bernardo de Mattos Viana

Introdução: Anualmente, no Brasil, aproximadamente 1200 idosos morrem por suicídio. O risco de autoextermínio nessa população é consideravelmente maior do que nas populações jovem e adulta. Dados da OMS de 2016 mostram uma taxa de suicídio de 0,19% em indivíduos acima de 80 anos, enquanto que na terceira década de vida esse valor é 0,06%. É fundamental, na prevenção ao suicídio, a correta identificação de pacientes de alto risco.

Objetivos: Apresentar fatores relacionados ao suicídio no paciente geriátrico, ferramentas de avaliação de risco, estratégias de prevenção e tratamento das comorbidades, quando presentes.

Métodos: Revisão descritiva de estudos nas bases de dados Scielo e PubMed, de 2010 a 2020, a partir do tema “depressão em idosos”.

Discussão: São fatores de risco para suicídio em idosos: problemas físicos e incapacitantes; transtornos psiquiátricos, principalmente depressão e transtorno por uso de substâncias; tentativa prévia de suicídio; problemas psicológicos e subjetivos, sentimento de solidão e desesperança; problemas microsociais e econômicos. As Escalas de Depressão Geriátrica e de Desesperança de Beck são eficazes na avaliação desse risco. Ideação suicida é fator chave para suicídio em idosos, com relevante elevação do risco de morte em um ano.

Conclusão: A efetiva triagem na atenção básica, com reconhecimento do paciente de alto risco, pode salvar vidas. Esse paciente deve ser encaminhado para o especialista e seu acompanhamento envolve terapia médica, mobilização da rede de apoio, recursos comunitários e de segurança.



TRANSTORNO BIPOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA RELAÇÃO CRIATIVIDADE E PSICOPATOLOGIA

Luynne Lana Monteiro

Augusto Henrique Batista Anselmo

Laura Carolina Menezes Vieira Silva

Nelson Carvalho do Amaral

Orientadora: Elaine Leandro Machado

Introdução: O transtorno bipolar (TB) é uma condição psiquiátrica permeada de estigmas. Avaliar aspectos positivos, como a criatividade, poderia ser uma ferramenta para reduzir o demérito dessa desordem.

Objetivo: Verificar a possível relação entre transtorno bipolar e criatividade por meio de revisão não sistemática da literatura.

Métodos: Busca na base de dados Pubmed por artigos originais e de revisão/meta- análise, de 2010 a 2020, com os descritores “bipolar”, “disorder”, “creativity”. Com a exclusão de artigos inacessíveis, analisaram-se 14 estudos.

Discussão: Observaram-se genes compartilhados entre TB e criatividade, transmitindo-se traços positivos moduladores comportamentais, sendo a bipolaridade o extremo desse continuum de variação. Em pessoas consideradas criativas ou com TB, há maior supressão do córtex pré-frontal direito, possibilitando maior atuação do esquerdo, associado à curiosidade. Percebeu-se redução de receptores-D2 talâmicos no TB e em pessoas com pensamento divergente, corroborando a relação com criatividade. Características de personalidade/temperamento associadas à bipolaridade mostraram ser comuns às populações criativas. No entanto, diferentes medidas de criatividade podem levar a divergentes proporções dessa associação. Medicamentos para TB podem levar ao silenciamento da criatividade, por redução da ação das vias dopaminérgicas e modulação das serotoninérgicas. Ademais, estabilizadores de humor utilizados em episódios maníacos podem influenciar processos cognitivos, reprimindo a criatividade.

Conclusão: Verificou-se relação entre criatividade e transtorno bipolar, pois aspectos considerados positivos do TB facilitam a externalização desse desdobramento da inteligência. Contudo, faltam sistemas eficazes de análise da criatividade. Consequentemente, por reconhecer a pertinência e existência dessa ligação, recomendam-se novos estudos que consigam analisar a criatividade em pacientes com TB.



NEUROCOGNIÇÃO DA ESQUIZOFRENIA

*Carlos Augusto de Paula Gomes
Augusto Gomes Cardoso Teixeira
Luísa Ferreira Vidal
Anita Bressan
Orientador: João Vinícius Salgado*

Introdução: Pesquisadores têm dividido o estudo da neuropsicologia da esquizofrenia nos campos da neurocognição e da cognição social. Atualmente, conforme o DSM-5 e a CID-11, o diagnóstico da esquizofrenia é definido a partir de sintomas positivos e negativos. Nas últimas décadas, entretanto, a neurocognição da esquizofrenia vem ganhando relevância acentuada, já que o déficit cognitivo tem sido reconhecido como elemento nuclear da doença e relacionado ao prejuízo no funcionamento global dos pacientes e, conseqüentemente, na qualidade de vida deles.

Objetivos: Identificar quais são os principais prejuízos na neurocognição de pessoas com esquizofrenia e compreender a evolução desses déficits no desenvolvimento da doença.

Métodos: Análise de artigos científicos e capítulos de livros sobre a neurocognição da esquizofrenia, a partir de busca em veículos nacionais e internacionais de publicação acadêmica.

Discussão: Pesquisas científicas têm apontado os prejuízos cognitivos como fator de risco, sintoma prodromático e preditor de funcionalidade em pacientes com esquizofrenia. Observa-se que esses sintomas são persistentes, independem dos sintomas positivos e negativos e não sofrem influência direta de medicações. Nesse contexto, as evidências apontam, no que concerne à neurocognição, para um prejuízo global da função cognitiva em 80% dos pacientes, com as principais deficiências relacionadas à atenção, à função executiva, à memória declarativa e à velocidade de processamento, além de alterações sensorceptivas.

Conclusão: Os estudos da neurocognição da esquizofrenia são essenciais para a melhor compreensão desse transtorno, o que possibilitará o desenvolvimento de tratamentos mais adequados, orientados para a melhora do prognóstico e da qualidade de vida dos pacientes.



A RELAÇÃO DE AJUDA MÚTUA ENTRE OS INTEGRANTES DE UM GRUPO NO FACEBOOK QUE TRATAM DA TEMÁTICA ESQUIZOFRENIA

Larissa Fávaro de Carvalho
Orientadora: Simone de Oliveira Camillo

Introdução: Os pacientes acometidos pela esquizofrenia sentem necessidade de externalizar seus medos e angústias. Entretanto, sofrem muito preconceito e julgamentos. Com isso, surge a demanda de grupos virtuais sobre a temática nas redes sociais, uma vez que essas pessoas podem ser quem elas são compartilhando seus sentimentos e suas mazelas em relação à doença e seu tratamento, sem precisar se identificar-se.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi entender a relação de ajuda mútua entre integrantes de um grupo no Facebook que tratam da temática esquizofrenia.

Método: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se desenvolveu por meio da netnografia. A escolha desse tipo de pesquisa permitiu apreender o objeto de estudo e a responder os objetivos pretendidos.

Resultado: Por meio do método de Análise de Conteúdo de Bardin, foram identificadas as seguintes categorias: Efeitos Colaterais das Medicções; Sintomas Positivos; Pensamentos Suicidas; Relações Familiares e Sociais; Espiritualidade e Crenças.

Conclusão: Portanto, acreditamos por meio deste estudo, ter mostrado que a interação entre os integrantes desses grupos podem influenciar no modo de vida pessoal, tanto de forma positiva, seja por meio de informações que ajudam a reduzir os sintomas positivos e pensamentos suicidas, como também, se faz fundamental no sentido do acolhimento, interações sociais e espirituais. Em relação aos aspectos negativos, observa-se discussões equivocadas sobre a temática da medicação psiquiátrica, o que carece a presença de um profissional da saúde para responder ou para intervir de maneira pontual. Consequências perigosas podem ocorrer, quando se tem informações errôneas sobre o uso dessas medicações.



SAÚDE MENTAL E COVID-19: IMPACTOS DO ISOLAMENTO SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

Raquel Medeiros de Souza

Ana Caroline Lobo de Oliveira

Laís Soares Figueiredo

Natália Rafael Perdigão Santos

Orientador: Luiz Carlos Molinari-Gomes

Introdução: Os transtornos mentais representam cerca de 16% das doenças que acometem indivíduos de 10 a 19 anos, sendo um período de hipersensibilidade a estímulos sociais e de aumento da importância do contato interpessoal. O isolamento forçado na pandemia de COVID-19 pode agravar ou causar esses transtornos, bem como problemas no desenvolvimento neurológico e comportamental nessa faixa etária.

Objetivos: Discutir os impactos do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 na saúde mental de adolescentes.

Métodos: Revisão bibliográfica não sistemática realizada por meio dos bancos de dados PubMed e SciELO utilizando os descritores “loneliness”, “mental health”, “COVID-19”, “adolescents”, “social isolation” de janeiro a setembro de 2020.

Discussão: Devido à pandemia do novo coronavírus houve a necessidade da implementação de medidas de distanciamento físico, removendo diversas conexões sociais. Nesse cenário, estudos mostram que um terço dos adolescentes reportaram maior solidão durante o isolamento, uma vez que esses indivíduos estão em processo de maturação cerebral, a qual é fortalecida pelo convívio em sociedade. Paralelamente, pesquisas em roedores evidenciaram que há uma influência entre isolamento social e alterações no sistema imunológico e neuroendócrino, além de alterações morfológicas no córtex cerebral durante a adolescência. Ademais, estudos indicam que a situação atual fomenta o aparecimento de transtornos de saúde mental em adolescentes, como a ansiedade, a depressão, o estresse pós-traumático, a ideação suicida, entre outros.

Conclusão: O isolamento social influencia fatores biológicos, os quais intensificam a presença de alterações na saúde mental de adolescentes no contexto epidemiológico atual exacerbando a vulnerabilidade desses indivíduos.



O TRANSTORNO DE ACUMULAÇÃO EM IDOSOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Gabriel Ramos de Abreu

Gabriel Augusto de Souza Figueiredo

Giulio Gori Fonseca

Orientador: Bernardo de Mattos Viana

Introdução: O transtorno de acumulação (TA) é um diagnóstico proposto pelo DSM-5 que se classifica como doença relacionada a transtornos obsessivo-compulsivos. É definido como a necessidade de aquisição excessiva, além da dificuldade de se descartar os objetos. Com uma prevalência estimada de 6% nos idosos e um pior prognóstico neste grupo, diferentes abordagens foram propostas quanto ao manejo e diagnóstico nessa população.

Objetivos: O trabalho objetiva descrever e discutir as características do TA em idosos com relação à abordagem, diagnóstico e tratamento baseando-se na literatura recente.

Métodos: Foram selecionados artigos recentes do Pubmed utilizando os termos “Hoarding disorder and elderly”.

Discussão: A abordagem do idoso com suspeita de TA é delicada, pois muitos não procuram ajuda e, para o diagnóstico, deve-se descartar que o sintoma de acumulação provenha de outra condição médica. Esse transtorno resulta em riscos à saúde e segurança dos idosos, prejudicando também suas relações interpessoais e gerando um ambiente domiciliar precário. Como foi definido há pouco tempo, não existe um padrão de estratégia bem estabelecido para o tratamento. Apesar de um nível de evidência ainda baixo, estudos sugerem que a terapia cognitivo comportamental e o tratamento farmacológico possam exercer efeitos positivos.

Conclusão: Apesar de se iniciar em uma fase mais jovem da vida, o transtorno de acumulação só recebe atenção clínica em idade mais avançada, ainda que pouco reconhecido e tratado nessa população. Dessa forma, há uma demanda por mais estudos longitudinais a respeito da história natural do TA, de sua etiologia, repercussão e tratamento em idosos.



A SUPLEMENTAÇÃO DE ÁCIDO GRAXO ÔMEGA-3 PARA EVITAR O DESENVOLVIMENTO DE DEPRESSÃO EM PACIENTES EM QUADRO DE INFLAMAÇÃO SISTÊMICA

*Carolina Cunha Matos
Fernanda Damasceno Ferreira
Ludmila Souza Recedive Borges
Victória Barros Bottaro*

Introdução: A ingestão de ácido graxo Ômega-3 (w-3) é amplamente utilizado para prevenir e tratar diversas patologias, como doença cardiovascular, derrames e artrite reumatoide. Tal fato se deve a suas propriedades que o tornam capaz de atuar na biossinalização, na redução da inflamação, na neurotransmissão e na neuromodulação, sendo de grande importância para a plasticidade neuronal. Nesse cenário, os estudos analisados demonstram uma relação entre a suplementação com w-3 e a prevenção terciária de sintomas depressivos em pacientes diagnosticados com inflamação sistêmica.

Objetivo: Analisar a possibilidade do uso de ômega-3 para evitar o desenvolvimento de depressão em pacientes com inflamação sistêmica.

Métodos: Revisão de literatura baseada em artigos retirados do Pubmed e do Scielo, utilizando os descritores: “depressão”, “inflamação sistêmica” e “ômega 3”.

Discussão: É notável a prevalência de depressão em pacientes com inflamação sistêmica, uma vez que esses indivíduos relatavam medo e insegurança acerca do próprio estado de saúde. Além disso, o déficit imunológico observado nessa doença é acentuado pelo quadro depressivo, já que as taxas de citocinas pró-inflamatórias, como o fator de necrose tumoral (TNF) e interleucina-6 (IL-6), são aumentadas.

Conclusão: Assim sendo, o maior conteúdo plasmático de ômega-3 induz a redução da inflamação e melhora dos sintomas depressivos, uma vez que esse possui mecanismos que alteram a produção de proteínas-chave da superfície celular e modulam a produção de citocinas pró-inflamatórias, reduzindo os sintomas depressivos e o quadro inflamatório.



OS IMPACTOS DA NÃO UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS POR USUÁRIOS DA REDE DE SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Yanini Magna de Souza Ribeiro

Larissa Gabriela de Matos

Tatiane Teixeira da Silva

Orientadora: Fernanda Maria Franco

Introdução: O Acompanhamento Terapêutico é uma prática clínica que objetiva ressocializar o indivíduo através da exploração de todo território acessível. Em tempos de pandemia e restrição de circulação, tais territórios tornaram-se inacessíveis. Faz-se necessária uma observação das repercussões destas restrições na vida dos usuários da rede de saúde mental, especificamente, moradores de Residências Terapêuticas.

Objetivos: Expor ganhos da utilização do território para usuários da rede e impactos da restrição de uso devido à pandemia.

Métodos: Realizou-se revisão narrativa de literatura, selecionando artigos sobre o tema. A escolha por esse método decorreu da necessidade de apropriação teórica e análise crítica de uma prática já desenvolvida pelas autoras em estágio não-curricular.

Discussão: O AT surge como prática destinada àqueles pacientes com transtornos mentais ou sofrimento psíquico que precisam ir além dos espaços tradicionalmente destinados ao tratamento. A literatura pontua a representatividade que mistura saberes da Psicologia com uso de territórios a céu aberto. A utilização destes espaços proporciona ganhos significativos na vida do usuário, como autonomia e pertencimento, além de atenuar angústias. Durante a pandemia, a circulação desses usuários foi impedida para preservar sua saúde física. Assim como a ida ao território possui ganhos, sua retirada acarreta repercussões. Para muitos, o isolamento social pode ser desorganizador, considerando o histórico de práticas manicomiais já vivenciadas.

Conclusão: Observa-se a importância destes espaços, apesar da dificuldade em acessá-los. Faz-se necessário que profissionais atuem junto aos usuários, para que os sentimentos desencadeados pelo isolamento temporário não resultem em maiores angústias decorrentes de uma nova reclusão institucional.



PANORAMA DAS CONSEQUÊNCIAS DO USO DE CANNABIS EM ADOLESCENTES NO BRASIL E RISCOS ASSOCIADOS

*Rhuan Braga Oliveira
Clarissa Leite Braga
Clarice Marques Motta Andrade
Thomas Felipe Silva Ribeiro
Orientadora: Júlia Machado Khoury*

Introdução: O aumento dos transtornos decorrentes do uso de drogas ilícitas é notado globalmente, sendo a cannabis a mais consumida entre os jovens. Esta droga pode suscitar em diversos prejuízos cognitivos, psicológicos e, até mesmo, transtornos psiquiátricos.

Objetivos: Realizar uma revisão da literatura acerca da epidemiologia dos transtornos secundários ao uso de cannabis em adolescentes, assim como dos motivadores desse elevado consumo e quais as consequências futuras para a saúde desses indivíduos.

Métodos: Realizou-se uma pesquisa na base de dados PubMed com os descritores "hallucinogen", "psychedelic", "hallucinogen and adolescents" e "hallucinogen and teenagers". Os critérios de inclusão foram: revisões dos últimos 5 anos, em inglês e com indivíduos de 13 a 18 anos.

Discussão: Grande parte da população brasileira desconhece os riscos associados ao uso da cannabis. O fácil acesso a essa substância possibilita com que a maioria dos usuários – 60% - a experimentem na adolescência. Os receptores canabinoides possuem ampla distribuição no cérebro, tornando-o mais suscetível às alterações neurais, químicas e estruturais causadas pelo cannabis, podendo impactar perniciosamente a vida dos adolescentes. Ademais, há uma repercussão social negativa, visto que os usuários possuem maior probabilidade de adquirir e transmitir ISTs e de causar acidentes de trânsito. Essas evidências são corroboradas através de alterações macroestruturais observadas em exames funcionais e de neuroimagem.

Conclusão: A literatura sugere que o uso de cannabis pode suscitar em prejuízos neurocognitivos e alterações na memória e atenção persistentes após a abstinência e, destarte, a abordagem do uso dessa substância na adolescência é de fundamental importância.



O EFEITO PSICOTERÁPICO NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E A HUMANIZAÇÃO DAS SALAS DE ESPERA

*Diogo Pereira Gonçalves Magro
Caroline Dousseau
Adriana Cristina Zavanelli
Orientadora: Renato Salviato Fajardo*

Introdução: Contar histórias auxilia e complementa os tratamentos de saúde, pois permite que os participantes percebam que enfrentam dificuldades semelhantes e se identifiquem com o outro, promovendo efeito psicoterápico. O Projeto de Extensão “Contar histórias para melhor sorrir e viver”, desenvolvido pelo Centro de Promoção de Qualidade de Vida (PromoVi) há sete anos e vinculado à Faculdade de Odontologia de Araçatuba – UNESP é realizado presencialmente em salas de espera de ambientes para tratamento de saúde, mas em virtude da pandemia foi adaptado para o modo online.

Objetivos: O objetivo do projeto é promover efeito psicoterápico e humanização ao público que se encontra nos ambientes de atenção à saúde através do ato de contar histórias.

Métodos: Foram selecionadas as histórias e gravadas em formato de vídeo pelos participantes do Projeto. Após a edição em arquivo único, disponibilizou-se o conteúdo nos meios digitais para o público assistido pela APAE, AMA e CAOÉ, localizados na cidade de Araçatuba-SP.

Discussão: A proposta mobiliza conteúdos que auxiliam o público-alvo na ressignificação de sua condição, reduzindo níveis de tensão, estresse e ansiedade gerados pelo ambiente, favorecendo melhoria na qualidade de vida e promoção de saúde.

Conclusão: Por saber que as consultas na área da saúde geram desconforto emocional, a contação de histórias é uma forma de amenizar a tensão e trazer humanidade para o público assistido e seus acompanhantes. A adaptação do Projeto em forma de vídeo permitiu alcançar o objetivo proposto, além de obter maior abrangência.



UTILIZAÇÃO DO ULTRA HIGH RISK (UHR) PARA IDENTIFICAÇÃO DE JOVENS COM ALTO RISCO DE DESENVOLVER UM PRIMEIRO EPISÓDIO PSICÓTICO

*Rafael Abreu e Sá
Ana Clara Rivetti Bitencourt de Paula
Marco Aurélio Freire Grossi
Orientadora: Amanda Oliveira Lima*

Introdução: A psicose representa uma condição debilitante que acarreta prejuízos a diversas esferas da vida do indivíduo e para o sistema público de saúde. A fim de tentar identificar precocemente indivíduos de risco, começou-se a estudar critérios clínicos que pudessem prever um primeiro episódio psicótico: “ultra high risk” (UHR).

Objetivo: Avaliar se a utilização dos critérios de UHR na fase prodrômica da esquizofrenia e psicoses relacionadas pode resultar em atenuação, atraso ou até prevenção do início da psicose em alguns indivíduos.

Métodos: Utilizou-se artigos contidos nas bases de pesquisa “MEDLINE” e “PUBMED”. Incluídos os que constavam as palavras-chave: “ultra high risk”, “attenuated psychosis”, “first psychosis” e “prodrome schizophrenia”.

Discussão: Os critérios de “ULTRA HIGH RISK” (UHR) prestam-se para identificação de jovens com alto risco de desenvolver um primeiro episódio psicótico. Sabe-se que o surgimento de quadros psiquiátricos graves, como a esquizofrenia, está relacionado a interação entre a genética do indivíduo e fatores ambientais, como complicações obstétricas, abusos na infância e uso de substâncias psicoativas durante a adolescência. Estes indivíduos podem apresentar sintomas em uma fase pré-morbida que os encaixariam em “Indivíduos de Ultra Alto Risco” para o desenvolvimento de psicose. Sendo assim, o correto rastreamento destes pacientes abriria a possibilidade de iniciar um tratamento precoce, com melhor prognóstico e desfecho clínico.

Conclusão: Até o momento, os estudos mostram que em média 76% dos pacientes que preenchem critérios para UHR não convertem para psicose franca, impossibilitando que já se firme o UHR como um critério definitivo para diagnóstico.



PREDOMÍNIO DE MULHERES NA BUSCA POR TELEATENDIMENTO EM SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA PELO NOVO CORONAVÍRUS

Karine Laurindo de Almeida

Isabela Botelho Piovezan

Thales Pardini Fagundes

Orientador: Helian Nunes de Oliveira

Introdução: A pandemia pela COVID-19 impactou de diversas formas a saúde das pessoas, especialmente no que tange à saúde mental, contribuindo para aumento da ansiedade, insônia, estresse e sintomas depressivos. Alguns estudos têm demonstrado maior impacto psicológico do isolamento social da quarentena sobre as mulheres, que apresentaram significativamente maior frequência de sintomas ansiosos e depressivos quando comparadas aos homens no mesmo período.

Objetivos: Determinar a proporção de mulheres que procuraram atendimento remoto em saúde mental no projeto TelePAN, projeto de extensão voltado para os trabalhadores da saúde que atuam na linha de frente de cuidados dos pacientes infectados pelo novo coronavírus.

Métodos: Estudo transversal utilizando entradas de pacientes de março a setembro, em demanda espontânea, coletados através de formulário eletrônico (Google Forms) e analisados através do editor Rstudio.

Discussão: 88% dos pacientes que solicitaram atendimento são do sexo feminino, o que corresponde a 152 mulheres. Alguns fatores que podem estar relacionados a esse impacto diferencial incluem o crescimento da violência doméstica durante a pandemia e a intensificação das rotinas diárias das mulheres, incluindo cuidados com familiares e cuidados domésticos, além de as mulheres historicamente buscarem maior acesso à saúde e estarem mais atentas à saúde mental.

Conclusão: Ao evidenciarmos o grande impacto causado pela pandemia, especialmente na saúde mental das mulheres, é notória a necessidade de políticas públicas específicas para esse grupo e de uma rede assistencial robusta, que consiga prover os cuidados adequados.



CUIDADOS PALIATIVOS NA PANDEMIA DE COVID-19: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PELA PSICOLOGIA

*Jefferson Rosa Marques Batista
Luciana de Souza Leite Pinheiro
Mikaelle Kathrine Paulino de Araujo
Simone Rodrigues Peixoto*

Introdução: A atual compreensão adotada pela OMS postula que cuidados paliativos devem ser adotados irrestritamente desde o primeiro momento de contato com os pacientes. Dentro desta atual compreensão, é útil aos cuidados paliativos pensar as variáveis e desafios à sua execução.

Objetivos: Compreender as recomendações aos cuidados paliativos publicadas no período da pandemia de COVID-19, privilegiando a perspectiva da psicologia.

Métodos: Pesquisa bibliográfica exploratória, realizada partir de levantamento realizado nas bases de dados SciELO, LILACS, PsycNet, ScienceDirect e PubMed, com trabalhos datados de 2020. Foram utilizados os descritores Pandemia e Cuidados Paliativos, que levaram a um corpus composto por 11 artigos analisados conforme proposto em Lima & Miotto.

Discussão: A comunicação foi enfatizada nos estudos, para mitigação dos impactos de notícias difíceis, aperfeiçoamento das relações da equipe multidisciplinar, garantia de honestidade com o paciente e criação de melhor rapport e acolhimento. A mobilização da rede socioafetiva se fez presente incluindo orientações e intervenções para difusão de informações nas comunidades, vinculação entre familiares e pacientes e integração da equipe multidisciplinar. Os profissionais paliativistas foram conclamados em sua utilidade no enfrentamento das diversas formas de luto e na promoção de prevenção de adoecimentos das equipes de saúde e da sociedade ampla. Uma profusão das Tecnologias de Informação e Comunicação, e serviços de Telemedicina, também é descrita como importante fator a ser considerado e utilizado estrategicamente.

Conclusão: As atuais pesquisas em cuidados paliativos enfatizam quatro eixos de intervenção, a saber, a comunicação, a rede socioafetiva, a formação dos paliativistas e as TICs.



FATORES DE RISCO ASSOCIADOS À SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO DE LITERATURA

*Izabella Mariane Ramos dos Santos
Mara Dantas Pereira*

Introdução: A depressão caracteriza-se por um transtorno mental manifestado por meio de aspectos como tristeza persistente, perda de interesse em atividades prazerosas, sentimento de culpa, pensamentos negativos e dificuldade de concentração. Ademais, corresponde a um dos principais contribuintes para a carga global de doenças.

Objetivos: Conhecer os fatores de risco associados à sintomatologia depressiva em profissionais de Enfermagem.

Métodos: Trata-se de um estudo teórico de natureza qualitativa, cujo levantamento de artigos foi realizado através das bases de dados LILACS, MEDLINE, SciELO e PubMed, em português e inglês, nos últimos 5 anos. Dentre os critérios de exclusão estão os artigos indisponíveis gratuitamente, incompletos e repetidos. Os descritores utilizados foram: Saúde mental, Enfermagem, Depressão.

Discussão: Diante dos artigos consultados, observou-se que o enfermeiro detém de uma gama de atribuições e limitações no âmbito profissional, dentre elas, carga horária excessiva, curto intervalo de descanso, conflitos interpessoais, falta de suporte profissional e altas cargas psicológicas. Além disso, os mesmos dispõem de fatores individuais, como conflitos familiares e questões sociais, que em associação às problemáticas profissionais consolidam aspectos influentes para o desenvolvimento de sintomas depressivos, alteração da saúde mental e qualidade de vida desse profissional.

Conclusão: Os enfermeiros correspondem a uma das principais classes profissionais com um alto risco de desencadeamento de sintomas depressivos. Nesse sentido, faz-se necessário que a instituição disponha de estratégias a fim de identificar sua sintomatologia e de realizar um diagnóstico precoce. Assim sendo, estabelecer medidas preventivas e psicoterapêuticas na tentativa de mantê-los saudáveis e, conseqüentemente, melhorar a qualidade da assistência.



TRABALHOS APRESENTADOS NA XVII JORNADA ACADÊMICA DE
SAÚDE - MODALIDADE TEMA ORIENTADO

XVII
JASME

LIVRO DE RESUMOS 2020
ISBN: 978-65-00-12144-5



FATORES ASSOCIADOS À DEPRESSÃO EM IDOSOS

Amanda Patriani Muziol

Taís Ferreira Horodensk

Orientadora do trabalho final: Amanda Oliveira Lima

Introdução: Neste atual trabalho discutiu-se “Os fatores associados à depressão em idosos”, pontuando, de modo objetivo, os principais agentes motivadores do quadro depressivo na terceira idade.

Objetivo: O presente trabalho é uma tentativa de discutir os fatores associados à depressão em idosos, por meio da observação dos elementos físicos, psicológicos e sociais relacionados ao processo do envelhecimento.

Métodos: Em primeiro lugar o trabalho foi desenvolvido, por intermédio de pesquisas a partir de trabalhos acadêmicos direcionados ao processo de envelhecimento e a saúde mental do idoso. Em seguida, houve discussões no grupo a respeito do tema, através da plataforma do Google Meet, para estruturar quais pontos seriam abordados no vídeo e, para criação de uma cadência lógica de explicação do conteúdo. O último passo precedente a gravação do vídeo, foi a elaboração escrita de um roteiro, embasado na discussão citada anteriormente e nos textos de apoio.

Discussão: Verificou-se que os fatores associados à depressão em idosos podem estar relacionados às mudanças físicas, à existência de um convívio familiar desarmônico ou a não existência da participação familiar na vida do indivíduo, à ausência de círculos sociais e ao aparecimento de doenças crônicas ou ao agravamento de problemas de saúde. Assim, verificou-se que a ideia abstrata da morte, a solidão aliada ao sentimento de inutilidade pelos desgastes físicos da pessoa idosa pode estar relacionada ao transtorno depressivo, sendo essencial a participação familiar e social na prevenção e tratamento de tal problema.

Conclusão: Conclui - se a partir da elaboração do presente trabalho que: os fatores associados à depressão em idosos são mais abrangentes do que o conhecimento popular referente ao assunto. Visto que a depressão na terceira idade é associada, em grande parte, ao diagnóstico de doenças apenas. Esse pensamento torna o reconhecimento correto de um quadro depressivo e a mitigação dos sintomas desses mais abstrusos, do que de fato é. A partir da realização das pesquisas, ficou evidente que se houver um acompanhamento do idoso pelos familiares e, pode evitar - se o agravamento do quadro e até o suicídio.



COGNIÇÃO SOCIAL NA ESQUIZOFRENIA

*Raquel Medeiros de Souza
Érica Rocha Assunção
Leonardo Cardoso Cruz
Orientador: Breno Fiuza Cruz*

Introdução: A cognição social diz respeito aos processos mentais envolvidos na avaliação das interações sociais. Esse domínio encontra-se prejudicado em pessoas com esquizofrenia, impactando o pleno desempenho funcional e a vida em comunidade.

Objetivos: Discutir o impacto de prejuízos na cognição social em pessoas com esquizofrenia.

Métodos: Revisão bibliográfica não sistemática realizada por meio do banco de dados PubMed utilizando os descritores “schizophrenia”, “social cognition”, “theory of mind” e “emotion perception” nos últimos 5 anos.

Discussão: Devido aos prejuízos na cognição social, a esquizofrenia é um transtorno mental que desenvolve um comprometimento das habilidades individuais em interagir socialmente de forma funcional. Nesse sentido, a Teoria da Mente e o processamento emocional tem sido alguns dos aspectos mais importantes na avaliação do déficit na cognição social, sendo úteis para demonstrar a capacidade diminuída das pessoas com esquizofrenia em inferir as intenções, pensamentos e emoções de outras pessoas. Esses sinais, frequentemente subestimados, podem levar ao retraimento social, à má interpretação das intenções de outros e ao funcionamento social diário prejudicado. Apesar de já terem sido demonstradas possíveis intervenções psicossociais, a qualidade metodológica é variável e a generalização dos benefícios não é consistente, sendo essencial que mais atenção seja dada a esse aspecto da esquizofrenia a fim de possibilitar uma melhor qualidade de vida a esses indivíduos.

Conclusão: Embora não sejam considerados como parte dos critérios diagnósticos da esquizofrenia, os prejuízos na cognição social têm efeitos negativos no funcionamento social e devem ser levados em consideração ao buscar a plena recuperação desses pacientes.